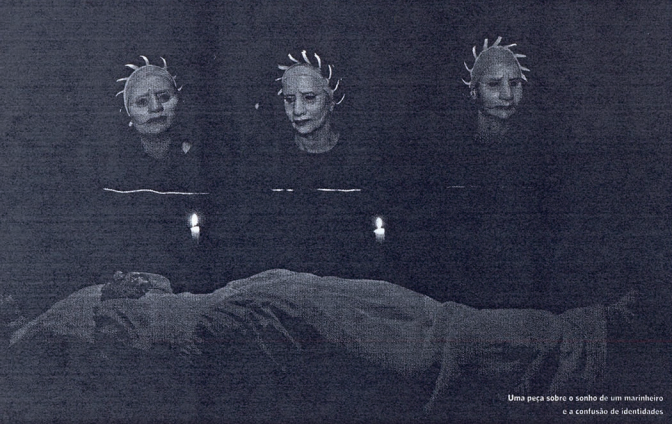


# A ACÇÃO e o verbo



Uma peça sobre o sonho de um marinheiro  
e a confusão de identidades

Alain Ollivier fala ao «Expresso» sobre aquela que é «uma das duas grandes peças sobre inspiração poética» **Texto de João Carneiro**

«É que nem todas as obras são feitas para auditórios de 1500 pessoas», diz Alain Ollivier, a uma mesa do hotel, perto do mar, enquanto bebemos águas com gás e falamos sobre teatro e sobre O Marinheiro, de Fernando Pessoa. Em Paris, quando encenou a peça, em 2006, em francês, a assistência podia ir até às 110 pessoas. O espectáculo nunca corria tão bem como quando só estavam 80, por exemplo. «Há uma figura que domina também a peça, e o tempo. É preciso representá-lo,

suportá-lo, as três personagens da peça não estão para ali só a conversar, há muitos silêncios, há os soliloquios. E há sempre alguém que, na assistência, não suporta isso. Torna-se muito difícil para as actrizes. Mas com oitenta pessoas, inevitável».

Em Portugal a assistência foi reduzida para sessenta espectadores. A peça é sobre três mulheres que falam enquanto velam uma quarta, morta. Falam de um marinheiro, e de um sonho desse marinheiro, e da fusão entre o real e o sonho, da confusão de identidades sonhadas e identidades vividas fora do sonho.

O Marinheiro é uma peça sobre a inspiração poética, para o encenador que fez Cormeille, Genet, Guyotat, Brecht, Marivaux, Thomas Bernhard. E Maeterlinck, um parente muito próximo de Pessoa, nas palavras de Alain Ollivier. Como Pessoa, Maeterlinck concebeu um teatro em que a acção está na palavra, contrariamente a contemporâneos seus que produziam peças bem feitas, sem qualidade literária, cujo único movimento residia em acções exteriores. Quase «como aquilo que se vive hoje em França», do ponto de vista teatral. Quer dizer...?, pergunto eu. «Quer dizer que muitos dramaturgos limitam-se a falar e a pôr em cena o tormento pequeno-burguês, e apenas isso». Excluem-se poucos, como Michel Vinaver e Olivier Py, pese embora as diferenças entre eles. Alain Ollivier foi actor, trabalhou com Bernard Sobel, Jacques Lassalle, Roger Planchon, P. Adrien, Peter Brook, Antoinette Vitez, entre outros. Dirigiu o Studio-Théâtre de Vitry e o Théâtre Gérard-Philipe, de Saint-Denis, de onde saiu em 2007. Agora tem a sua companhia, e está livre para fazer o que deseja, Cormeille, talvez Genet. O Marinheiro é apenas uma das suas apropriações do teatro lusófono, pois antes das duas versões da peça de Pessoa encenou três peças de Nelson Rodrigues, um autor brasileiro cuja reputação é hoje ainda estimável entre artistas e leitores, mas cuja vida cénica em Portugal é quase invisível. Toda a Nudez Será Castigada, Anjo Negro e Valsa nº 6 foram representadas em França, em tradução francesa, as duas últimas com a colaboração de António Lagarto nos figurinos. Foi uma descoberta que se deveu a Paule Thévenin, a grande amiga de Artaud, que de regresso de uma viagem ao Brasil falou de Nelson Rodrigues a Ollivier. Impressionado pela qualidade das peças, e pensando ainda ver nelas uma espécie de «sombra» de Garcia Lorca, Alain Ollivier acaba por ir ao Brasil. Visita o hospital onde tinha trabalhado Nise da Silveira, psiquiatra e aluna de Jung, e o caso de um doente mudo, pintor cujos quadros o encenador chegou a ver, ajudou-o a compreender melhor o universo de Anjo Negro. Tratava-se de um rapaz negro, o melhor aluno da turma, que tinha pesadelos em que o voz lhe dizia, recorrentemente, «que um negro não podia ser o melhor da turma».

As aproximações entre Portugal e Brasil passam pela literatura, pelo teatro, pela língua e pelos lugares. Alain Ollivier tinha estado em Portugal no início dos anos 80. Mais tarde, no Rio de Janeiro, passava por lugares em que parecia que estava de novo em Lisboa. E recorda: «em Anjo Negro, quase no fim da peça, há uma referência a um marinheiro, não tenho dúvida que seja uma referência a O Marinheiro de Pessoa». E passa para Hölderlin, talvez o mais extraordinário caso de um poeta cuja obra é percorrida por uma tensão resultante do confronto entre real e ideal, entre a vida da fábula e a vida do dia que começa, e autor de uma das duas grandes peças que falam da questão da inspiração poética, a As Morte de Empédocles. É que «há duas peças que falam da inspiração poética, são A Morte de Empédocles e O Marinheiro».

actual@expresso.pt

## SOZINHAS NA NOITE

Duas mulheres à conversa num parque infantil, numa encenação de Cristina Carvalhal

Há um cão, um filho, furtos sem grande caso e um enorme vazio, que, apesar de o que melhor serve o processo de apelo das duas mulheres a que a dramaturga Luísa Cunille dá forma em Liberdade, espectáculo das Boas Raparigas, com a direcção de Cristina Carvalhal, marcado por acentuada economia de palavras e as que deve o seu título à palavra que é um movimento de oscilação que um efêmero para recuperar o seu equilíbrio aparente da lua.

Duas mulheres (Maria do Céu Ribeiro e a Mirandina) em equilíbrio emocional; encontram-se ao longo de três noites: num parque infantil, à meia-noite em prévia, marcação desse encontro pressu algo aconteça, mas, na verdade, a quem não se pode presumir: de uma das mulheres a ligação a um animal doméstico, da outra a existência de um mudo e um filho. Em tudo o resto prevalece o

## CANTATA AOS PEIXES

Manuel Wiborg encena uma viagem marítima de Vieira Mendes que também é uma reflexão sobre o

As Peixes começou por ser uma profusa adaptação, mas acabou numa reflexão própria lugar do escritor e sobre «a relação filitosa entre quem escreve e o público infantil», Manuel Wiborg havia pedido a Luísa Vieira Mendes uma adaptação de Moby Dick, de Herman Melville, mas não que o dramaturgo haveria de percorrer a vida futura por que o narrador também sobrevive para poder conta-la.